

A SOCIOLOGIA DE OCTAVIO IANNI

IANNI, Octavio

A Sociologia e o Mundo Moderno.

Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, 399 p.

POR

Maria Ribeiro do Valle¹

Partindo da premissa de que o pensamento sociológico e a sociedade moderna são contemporâneos, Octavio Ianni em seu livro intitulado *A Sociologia e o Mundo Moderno* – que reitera a sua assertiva –, inicia seus escritos tecendo a formação da sociologia desde os legados dos séculos que antecedem a sua emergência, em meados do século XIX, até os seus desdobramentos nos séculos seguintes.

Ianni mostra que a sociologia, diante da originalidade dos fatos da realidade social, que tem como principal símbolo o capital, com sua “missão civilizatória”, não pode prescindir de suas raízes – os paradigmas das ciências físicas e naturais bem como do pensamento filosófico do século XVIII – e de suas polarizações que reverberam na (re)formulação dos princípios explicativos clássicos.

Longe de estabelecer uma continuidade linear sobre a história da sociologia, Ianni aponta para a complexidade e a peculiaridade das escolas que a inauguram, particularmente aquelas demarcadas pela “causação funcional” tendo Emile Durkheim como seu expoente; pela “conexão de sentido” com Max Weber e pela “contradição” com Karl Marx. Ianni elenca também uma gama significativa de autores controversos que na esteira dos clássicos revitalizam historicamente questões sociais candentes. Já aqui convida o leitor crítico a conhecer de perto as obras desses interlocutores, demarcando as suas filiações teóricas, as temáticas por eles revigoradas, as obras por eles

¹ Docente do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filhos” – UNESP, Brasil. maria.ribeiro.valle@uol.com.br

escritas, criando um “roteiro” instigante para aqueles que buscam abarcar a “autoconsciência científica da realidade social”.

A questão social emerge, no horizonte da sociedade moderna, carregada de “laços que se rompem e incertos horizontes que se abrem” (p.21). Compreendê-la significa lançar luz às transformações e crises sociais decorrentes da dissolução da comunidade feudal e da emergência da sociedade capitalista sob diferentes matizes, quer no plano teórico, quer no plano político. Há, segundo Ianni, neste período, um misto de fascínio e espanto, pois ao mesmo tempo em que o progresso é enaltecido pela ciência, ele traz em si a transitoriedade histórica que aponta para futuros incertos. Irrompe um fervilhar de temas de envergadura social: tradição e modernidade; comunidade e sociedade; ordem e progresso; ideologia e utopia; revolução e contrarrevolução. Eles ultrapassam as barreiras geográficas e permanecem na ordem do dia da agenda sociológica.

Para a compreensão da nova ordem social e seus desdobramentos, Octavio Ianni aborda, com rigor, a questão da metodologia nas ciências sociais percorrendo-a historicamente, ou seja, enaltecendo não apenas a contribuição das produções originais dos ensinamentos clássicos, como também a das novas teorias e paradigmas que mantêm com elas um fecundo diálogo na contemporaneidade. Considera esse debate fundamental por aflorar as controvérsias e aproximações dos diferentes autores, vertentes e escolas que se debruçam sobre as questões metodológicas – as quais ele identifica década após década – diante da compreensão da realidade social cada vez mais complexa e do inusitado desenvolvimento da Ciência e da Filosofia no século XX. É importante assinalar que ele não se refere aqui apenas ao “descortino da razão”, mas também à sua “tirania” expressa no trágico desfecho das ilusões gestadas ao longo dos séculos XVIII e XIX devido ao nazismo, ao stalinismo e às guerras mundiais, que incidem diretamente na produção metodológica e social.

Estabelece também, a meu ver, duas importantes ressalvas quanto ao perigo das “tentações”, quer de reduzir a sociologia à metodologia (e vice-versa), quer de cair na armadilha de, no afã pela novidade, característica marcante da contemporaneidade, desconsiderar o caráter acumulativo do conhecimento científico no terreno multidisciplinar da metodologia. Essa última atitude, para Octavio Ianni, acaba por demonstrar o desconhecimento de questões ontológicas e epistemológicas que já haviam sido formuladas anteriormente em horizontes mais fecundos, tornando inócuos os resultados das novas pesquisas. Aposta, assim, na direção positiva da “tentação” para a inovação metodológica, desde que desvinculada das formulações a-históricas ou supra-históricas que maculam o contínuo devir do real.

Octavio Ianni não se furta também ao debate sobre a “crise” da sociologia e de seus paradigmas que vem à tona desde o término da Segunda Guerra Mundial e durante

a Guerra Fria, sendo muitas vezes entendida como a obsolescência das teorias clássicas. No entanto, sempre enfatizando a importância do momento do real, a sua historicidade, ele defende o contraponto entre o passado e o presente como essenciais para a compreensão de dada realidade social. Apesar de apresentar suas especificidades, os princípios explicativos das teorias sociais guardam fundamentos comuns como, por exemplo, a própria definição do social.

Ao mesmo tempo, a seu ver, a realidade social deve ser entendida como um “objeto em movimento”, fato que implica na emergência de múltiplos paradigmas na contemporaneidade. Assim, a sociologia justamente por ser uma ciência peculiar que se pensa criticamente e requer, para tanto, uma “sociologia da sociologia” convive com “crises” de paradigmas em todo o seu desenrolar. Mas elas tomam vultos mais acentuados em determinados contextos históricos, como o novo “surto de globalização” do capitalismo, também concebido não apenas como modo de produção, mas como “processo civilizatório”. Portanto, é importante não perder de vista as implicações políticas inerentes à pesquisa no campo das ciências sociais, diante das estruturas mundiais de poder econômico-político, dentre as quais se destaca a exercida pela mídia transnacional, que transforma o consumismo em exercício efetivo da cidadania e o cartão de crédito em carteira de identidade do indivíduo na “aldeia global”.

A revolução burguesa em escala mundial, não apenas na Europa e nos Estados Unidos, mas também na América Latina, na África e na Ásia, gera paradoxalmente teorias que enaltecem o “deus” mercado e aquelas que a ele resistem porque insistem em revelar a ininterrupta desigualdade da apropriação na sociedade capitalista. O tema que merece maior destaque por Ianni nos seus escritos, portanto, é o desafio radical trazido pela globalização uma vez que “o novo mapa do mundo” requer novas metodologias e teorias para abranger de forma multidisciplinar as implicações geo-históricas, sociais, econômicas, políticas, culturais, demográficas, étnicas, religiosas, lingüísticas, ecológicas da inusitada realidade emergente.

Acredita, assim, que na passagem do século XX ao XXI “pode estar em curso não só uma ruptura histórica e uma ruptura epistemológica, mas uma revolução cultural de amplas proporções, na qual floresce uma revolução científica fundamental para as ciências sociais” (p.84). Contudo, adverte para o fato de que, quando elas se transformam em “técnicas sociais” mobilizadas pelas elites políticas e pelas classes dominantes que visam à manutenção do *status quo*, há uma reversão do sentido da ciência concebida como produto da “razão crítica”. Ao subordinar-se à “razão instrumental”, a própria ciência contribui para a perversão do sentido da atividade intelectual, impregnando as instituições universitárias, o ensino e a pesquisa reduzindo-os ao utilitarismo, ao pragmatismo, à prioridade mercantil, às urgências das corporações transacionais e às estruturas mundiais de controle e apropriação, como resultado das implicações epistemológicas e ontológicas da industrialização da pesquisa

científica. A ciência ao se metamorfosear em técnica social e política revela a “barbárie” que está presente não apenas em si mesma, mas na realidade social desde o século XIX, intensificando-se no século XX e invadindo crescentemente o século XXI.

Ou seja, a mesma racionalidade instrumental, que rege a sociedade, a economia, e a política, adquire ampla difusão na universidade, nas instituições de ensino e de pesquisa, explicitando o predomínio das teorias positivistas e neopositivistas que importam o paradigma que está na base da física e da matemática, ou seja, o das ciências naturais que têm por objetivo a apreensão do “como” dos fatos, procurando conhecer apenas as suas manifestações empiricamente observáveis para classificação e análise (cf. p.115). Concomitantemente há o desprestígio das teorias dialéticas que se ocupam com o “por que” e o “como” dos fatos, garantindo a reflexão crítica sobre o real, por conceber a sociedade ao mesmo tempo como objeto e sujeito do processo do conhecimento.

Seria um grande equívoco pensar que Octavio Ianni não considera a importância das ciências naturais para a elucidação das ciências sociais. Ao contrário, o que ele critica com veemência é quando elas se tornam hegemônicas e dissociadas das Humanidades. Tanto que ele se posiciona contrariamente não apenas a uma demarcação radical entre filosofia, ciências naturais, ciências sociais e artes, como também à exclusão da religião, dentre outras modalidades de vida cultural e intelectual por serem elas constitutivas da compreensão da realidade. Tal fato redundava na especialização, na “burocratização do pensamento”, e no “desencantamento do mundo”, comprometendo a “imaginação” e a reflexão dos cientistas que passam a exprimir o abandono do ponto de vista histórico pelas ciências sociais – a chamada “dissolução da história”.

Em contrapartida há que se enfatizar que a história é uma dimensão da sociedade, exprimindo suas contradições e tensões, ou seja, a análise sociológica sempre se depara com a historicidade de seu objeto. Sendo assim, Octavio Ianni ainda aposta no fato de que a historicização das epistemologias, presente ainda em algumas escolas que resistem ao caráter de técnica de dominação da ciência, pode ser um caminho no sentido de repor a razão na estrada do realismo social (p.126).

Em suma, o livro de Ianni é emblemático de sua própria leitura da sociologia. Ele não descarta a importância das diversas abordagens clássicas e contemporâneas para a compreensão da realidade social bem como a da tematização dos enigmas da sociologia nas obras de diferentes cientistas, filósofos e artistas. Na contracorrente de uma visão reducionista da sociologia, ele lança mão de suas dimensões sociais e teóricas básicas, que não podem estar desconectadas das demais ciências como a antropologia, a ciência política, a geografia, a história, a economia. Essa abrangente concepção da sociologia do autor fundamenta a sua aposta em “refazer a esperança e a utopia”, em

suma, em “reinventar a vida”. Dessa forma, deixa como legado uma forma instigante de enfrentar criticamente os desafios da “realidade social viva, complexa, intrincada, contraditória, em contínuo devir”.

Acredito que em meados do século XIX a dissolução da comunidade feudal e a emergência da sociedade capitalista engendram a revolução do real clamando por uma nova ciência, a sociologia, capaz de desvendar seus enigmas. No contexto atual, a nova “revolução” que ocorre devido às transformações sociais de amplas proporções decorrentes da globalização, provocando inclusive uma ruptura histórica, não requer, contudo, a criação de uma ciência outra. A sociologia, por todo o seu conhecimento acumulado, continua podendo e devendo ser a sua interlocutora privilegiada desde que acompanhe o novo movimento real e virtual de seu objeto e reitere o seu papel de sujeito histórico. *A Sociologia e o Mundo Moderno*, obra póstuma de Octavio Ianni, é publicada por seus organizadores Antonio Ianni Segatto e José Antonio Segatto que presenteiam os cientistas sociais comprometidos com a compreensão da realidade no novo contexto do globalismo, no qual é preciso resistir não apenas à burocratização da realidade social como à pasteurização da pesquisa científica. *A Sociologia e o Mundo Moderno* passa a ser uma aliada da maior importância para aqueles que, além da compreensão da “sociedade global”, vislumbram o reencantamento do mundo acalentado pela utopia.